

## A dissolução do Partido italiano da democracia cristã

Selvino Antonio Malfatti (Instituto de Filosofia Luso-brasileira, Lisboa)<sup>1</sup>

33

### Resumo:

No século XIX, na Europa, antes 1860, devido ao avanço da ideologia liberal, a influência da fé católica na política era praticamente nula e a possibilidade de essa agir politicamente, através de partidos confessionais, resultou em fracasso. A Igreja, por sua vez, preteria os políticos cristãos leigos, tratando suas questões diretamente com os chefes de Estado por meio de sua hierarquia, bem como desautorizava qualquer pessoa a falar como seu representante. Com o fim da 2ª Guerra mundial foi criado o partido da Democracia Cristã na Itália e em outros países com outras denominações. Agora, com o apoio explícito da Igreja. Este partido garantiu a estabilidade política na Itália até 1990 quando se envolve em corrupção e vai paulatinamente se extinguindo até 1994.

**Palavras- chave:** Igreja, Europa, Partidos católicos, partidos cristãos, democracia cristã.

### Abstract

In Europe, in the nineteenth century, that is, before 1860 the influence of faith on politics was nearly no one due to the advancement of liberal ideology. In addition, the attempts to have faith acting politically through confessional parties resulted in failure. The Church, in its turn, ignored Christian politicians, thus dealing directly with the heads of the state through its hierarchy. In addition, the Church did not allow anybody to speak as its representative. With the end of the 2nd World War was created the party of the Christian Democrats in Italy and other countries with other denominations. Now, with the explicit support of the Church. This party ensured political stability in Italy until 1990 when it engages in corruption and it was gradually becoming extinct until 1994.

**Keywords:** Church, Europe, Catholic parties, Christian parties, Christian Democracy.

## 1. Considerações Iniciais

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas (1968), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1978) e doutorado em Filosofia pela Universidade Gama Filho (1984). Pós-doutorados em Filosofia Política, Lisboa e Ciência Política, Milão. Atualmente é membro do conselho deliberativo do Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro e Membro do Instituto de Filosofia Luso-brasileira, Lisboa Atua e pesquisa na área de Filosofia, com ênfase nos seguintes temas: ética, filosofia política, ideologias e partidos.  
[https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG\\_MENU.menu?f\\_cod=E6826285A111D0EF23ECE4EC9EBB0D02](https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=E6826285A111D0EF23ECE4EC9EBB0D02).

Instituto de Filosofia Luso-brasileira, Lisboa, Portugal, [selvinomalfatti@hotmail.com](mailto:selvinomalfatti@hotmail.com), Rua Marechal Deodoro, 78, Santa Maria, RS, Brasil.

A experiência italiana do partido da Democracia Cristã revelou sua capacidade de aglutinar consensos, formar alianças e assumir governos e governar. Nos quase cinquenta anos no poder, na Itália, ocupou a Presidência da República, a Presidência do Conselho de Ministros, as Presidências das duas casas do Parlamento, os diversos ministérios. Revelou-se também um partido igual aos demais, susceptível à corrupção e às lutas internas pelo poder. A crise de Mani Pulite ou Tangentopoli, na década de noventa, feriu-o de morte. O óbito da Democracia Cristã foi precedido de uma longa agonia e não menos longa coma.<sup>2</sup> Por que desapareceu a Democracia Cristã na Itália?

<sup>2</sup> Principais líderes,

1. Mario Chiesa. Nasceu em Milão (1944). Político, engenheiro e executivo. Exponente do Partido Socialista em Milão, de 1992 a 1994.
2. Alcide de Gasperi. Primeiramente foi líder do Partido Popular Italiano e posteriormente fundador do partido da Democracia Cristã. É considerado um dos fundadores da União Europeia, juntamente com o francês Robert Schuman e o alemão Konrad Adenauer.
3. Bettino Craxi. Político italiano. Foi Presidente do Conselho de Ministros de 1983 a 1987. Envolveu-se em corrupção e respondeu processo nos inquéritos de Milão, chamados de Tangentopoli (cobrança de propinas extras). Sofreu duas condenações: uma por corrupção e outra por financiamento ilícito ao Partido Socialista Italiano.
4. Giulio Andreotti. Nasceu em Roma (1919). Político democrata cristão, jornalista e escritor. Foi sete vezes Presidente do Conselho, vinte e uma vezes ministro dos negócios externos, subsecretário da Presidência do Conselho no período de Alcide De Gasperi.
5. Arnaldo Forlani. Destacado líder do partido da Democracia Cristã, depois de ter colaborado com Amintore Fanfani. Ingressa na corrente Política “Novas Crônicas”, (Nuove Cronache) a qual abandona para ingressar na Ação Popular (Azione Popolare).
6. Mário Segni. Inicia o envolvimento político no partido da Democracia Cristã. Anteriormente havia ocupado o cargo de conselheiro regional e em seguida deputado nacional e deputado pelo Parlamento Europeu. É nomeado para o cargo de subsecretário da Agricultura. Foi presidente do Comité de Controle dos Serviços de Informação e Segurança e de Segredo de Estado, de 1987 a 1991.
7. Ciriaco de Mita. Foi eleito europarlamentar e deputado pelo partido da Democracia Cristã. Ministro no governo de Giulio Andreotti e Presidente do Conselho de Ministros.

Várias razões podem ser aduzidas para o acontecimento. Pode-se enfatizar a mudança da conjuntura internacional. Com efeito, na década de noventa, ocorre a extinção da ex-URSS. Desde o início, no período de Alcide de Gasperi e seus sucessores, a Democracia Cristã tornou-se o escudo “crociato” contra as pretensões comunistas na Itália. Para tanto, externamente tinha o apoio dos Estados Unidos da América, da Europa e da Igreja. Internamente, a comunidade católica, em boa parte conduzida pelos movimentos católicos, prestava-lhe inicialmente apoio incondicional. Além disso, o partido estava convencido desse papel histórico que lhe estava reservado. Com o fim do comunismo, o inimigo tornou-se um moinho de vento. O fim, até então fora colimado: manter o comunismo dentro das regras institucionais, com um mérito adicional, sem usar a violência física, isto é, o comunismo na Itália foi contido, como regra geral, através do jogo democrático. E isto foi reconhecidamente um mérito.

No entanto, não parece uma razão suficiente apontar a queda do comunismo russo como a causa do desaparecimento do partido da Democracia Cristã na Itália. Desapareceu na ex-URSS, mas em outros continuou, como China, Vietnã, e dentro do mundo ocidental, na ilha de Cuba. A “missão” poderia ter continuado, propondo a vitória total sobre tal ideologia.

A retirada da equipe de apoio da Igreja também é aduzida como causa. Com efeito, após a eleição de Carol Voytilla, Papa João Paulo II, há uma reviravolta na política da parte da Igreja. O projeto de uma Itália como modelo de relações Estado e Igreja, tão sonhado por Paulo VI, é abandonado de vez com o Papa da Polônia. A Igreja volta-se para outros objetivos com outras estratégias. A América Latina torna-se um dos grandes objetivos, mas de uma maneira geral, o

---

8. Francesco Cossiga. Nasceu em 1928 em Sassari. Foi um dos mais prestigiado dos políticos italianos. Sua carreira política parecia não ter fim. Logo no nascimento da Democracia Cristã filia-se a ela. Exerceu todos os cargos possíveis de governo, desde o Ministério do Interior, a Presidência do Conselho até a Presidência da República.

9. Mino Martinazzoli. Ingressa cedo no partido da Democracia Cristã e permanece nela até a morte do partido. O cargo mais significativo foi o de secretário do partido, no qual a vai conduzindo a uma morte lenta e indolor.

10. Silvio Berlusconi. Político, empresário e empreendedor. É caracterizado como “Il Cavaliere Eletto”(Cavaleiro Eleito) para a Câmara dos Deputados. Confirmado por quatro legislaturas seguidas no cargo. Em 2013 é eleito senador. Exerceu por quatro vezes o cargo de Presidente do Conselho o mais longo na função.

terceiro mundo. A Igreja abandona a estratégia de influir no poder temporal através de um partido com o qual mantém estreito intercâmbio e passa a adotar uma ação autônoma. Além disso, não há uma relação necessária entre o sucesso da Democracia Cristã associado ao apoio da Igreja. Algumas vezes, a Democracia Cristã sofreu reveses por ter seguido as orientações da Igreja como foi o caso do divórcio. Logo, a retirada de campo da equipe do Vaticano também parece não ser uma razão suficiente. Aliás, esta unidade dos católicos em torno do partido da Democracia Cristã era um mito, alimentado por ambos, Igreja e Partido, enquanto serviu. No momento que deixou de dar dividendos para ambos, a ruptura não teve maiores convulsões.

O que aconteceu de tão grave na década de Noventa que levará ao óbito a Democracia Cristã? Dois acontecimentos ocorreram simultaneamente: dissensões internas e a vinda a público da corrupção. O volume de crime de corrupção foi assustador. Os crimes de Tangentopoli podem ser classificados sob vários critérios. As acusações de crimes podiam ser classificados em a) abuso de poder, b) econômico-fiscais e patrimônio, c) potencialmente de mera transgressão, d) Comportamentos violentos ( atentados, homicídios, seqüestro de pessoas), e) associações ( mafioso, delinqüente, subversiva, militar, partido fascista), f) Opinião e informação ( revelações de segredos de ofício, instigação a desobediência às leis, difamação, vilipêndio de instituições, apologia ao fascismo, e outros), g) Rixa e conflito, h) outros ( danos efetivos, comportamentos dolosos, atos provocativos). Um sintético inventário dos inquéritos judiciais nos levaria a nada menos que 914 processos, envolvendo 179 tipos de crimes. Dentre estes, os mais citados foram corrupção inerente ao cargo ( 165), extorsão ( 167), divulgação de notícias falsas ou tendenciosas ( 170), falsidade ideológica, de informação e escrita ( somadas as três: 511), Inobservância de ordens de autoridades ( 179), ameaças obrigando a cometer crime ( 169), acordo entre contribuintes para o não pagamento de impostos ( 162), atentados ( 156), homicídios ( 75),

enfim uma infinidade de acusações.<sup>3</sup> Apesar disso, nada indicava que haveria mudanças. A corrupção já fazia parte do governo. Ninguém lhe dava importância. Era considerada “normal”. Por isso a década de Noventa inicia em circunstâncias tão favoráveis que daria para prever anos tranquilos para a Democracia Cristã. Os problemas internos e externos foram resolvidos. Na Presidência da República está o democrata cristão Francesco Cossiga, também do mesmo partido é o Presidente do Conselho, Giulio Andreotti, e a secretaria do partido da Democracia Cristã é ocupada por Arnaldo Forlani. Nem mesmo as eleições previstas para abril preocupavam o partido. Aliás, como acontece na maioria das vezes, antes das eleições todos os partidos garantem vitória, ao menos os mais importantes, como era o caso, da Democracia Cristã e Partido Socialista Italiano. A mudança do quadro tem início quando, em março, o deputado do Parlamento Europeu, o democrata cristão Salvo Lima, é assassinado pela máfia em Palermo, exatamente na vigília da grande manifestação que teria lugar na capital da Sicília. Lima era uma pessoa do círculo de amizade do Presidente do Conselho, Giulio Andreotti, e por isso o acontecimento teve enormes repercussões.

O crime dá o tom da campanha eleitoral que prossegue. O ministro do Interior, Vincenzo Scotti, instrui os prefeitos para que fiquem atentos, pois haveria possibilidades de golpes. A oposição protesta, pois entende que se queria influir no resultado eleitoral com falsos alarmismos, e pede a demissão do ministro. O resultado eleitoral assinalou a derrota dos democratas cristãos e do Partido Socialista Italiano, e ao mesmo tempo uma vitória da Liga de Umberto Bossi. Este acontecimento provocou uma crise sem precedentes no interior da Democracia Cristã com

---

<sup>3</sup>RICOLFI, Luca. **L’Ultimo Parlamento: sulla Fine della Prima Republica**. Roma, La Nuova Italia Scientifica, 1993, p. 157 a 161.

discórdias infundáveis. O impacto do momento foi assinalado pela demissão do Secretário do partido, do Presidente da República e do Presidente do Conselho.

Paralelo a isto, já em abril, em Milão, o socialista Mario Chiesa é feito prisioneiro sob a acusação de envolvimento com o crime organizado. Neste momento começa o movimento Mani Pulite ou Tangentopoli que sacudirá todo o sistema político-partidário, levando à sua completa reformulação, inclusive com o fechamento dos partidos da Democracia Cristã e Socialista, os quais, com o concurso de outros três partidos, menores formavam o pentapartido da chamada Primeira República<sup>4</sup>.

#### 1. Mani Pulite

Após a ação Mani Pulite, desencadeia-se no interior do partido da Democracia Cristã um processo degenerativo provocado pelos conflitos entre os vários atores, principalmente devido a posições ideológicas conflitantes. Até então o equilíbrio mantinha-se graças a um sistema de distribuição dos bens econômicos, políticos e sociais com critérios de efeitos compósitos, isto é, de uma forma ou de outra, todos ganhavam alguma coisa. Ganhavam os políticos com cargos e status. Ganhavam os intermediadores com as cobranças extras, (*tangenti*) os propagandistas de rua em gorjetas, e assim por diante. A forma de relacionamento assentava-se sobre uma cooperação funcional. Havia espaço para todos e os bens existiam com relativa abundância e em acordo às aspirações de cada ator político. A corrupção não individualizava, ao contrário, generalizava. Ninguém era apontado pessoalmente. Só existia a “mãe democracia cristã” sempre solícita para com todos os seus filhos. Evidentemente que havia disputas internas pelas melhores posições, melhores cargos, ou status político. A competição atingia dirigentes e dirigidos, a

---

<sup>4</sup> GALLI, Giorgio. *Mezzo Secolo di Dc*. Milano, Rizzoli, 1993, p. 392 a 399

maioria e a oposição, correntes políticas de esquerda e de direita, entre mais velhos e os mais novos.<sup>5</sup>

O partido, visto como um micro sistema mantinha o equilíbrio. Os seus elementos constitutivos eram estáveis, equilibrados, funcionais, e detinham o consenso da parte dos seus membros. O sistema coercitivo funcionava como um eixo imantado atraindo constantemente qualquer elemento que quisesse desprender-se do conjunto. A coerção existia sob a forma institucional que premiava os pró-sistema e punia os anti-sistema. Em suma, os conflitos eram solucionados pela via da regulamentação, que institucionalizava comportamentos considerados consensualmente corretos.

A ação Mani Pulite começou a provocar no interior da Democracia Cristã, uma personalização do crime, não mais pelos critérios do partido, mas pelo do judiciário. As pessoas foram apontadas como criminosas pelas autoridades judiciárias. Com isso aconteceu a destruição do sistema organizativo do partido. Mani Pulite destruiu a própria estrutura da Democracia Cristã. Isto transparece com toda clareza na Constituinte Democristã de 1993, na qual as acusações mútuas são pessoais e violentas. Concorda-se que houve roubo da parte de alguns democristãos, e neste caso, depois de verificada a culpabilidade, que fosse feita justiça. Mas o que provocava revolta nos membros da Democracia Cristã era a parcialidade da magistratura por somente acionar os membros da Democracia Cristã, conforme externavam. Esta maneira de agir da magistratura despertava ódio da sociedade em relação ao partido e uma fuga do consenso dos católicos. Antes de Mani Pulite, aquilo aparentemente parecia um poço de águas calmas, depois, a Democracia Cristã é acuada externamente e internamente explodindo, em revoltos conflitos, em toda parte e em todas as direções. Antes os líderes de correntes aceitavam a mediação exercida pelo secretário do partido mas, após Mani Pulite, as lideranças insurgem-se e começam a tomar direções pessoais ou grupais fora do consenso do partido. É o caso de Mário Segni que

---

<sup>5</sup> SMITH, Mack. 1997. *Storia d'Italia*. Roma-Bari, Laterza, p. 575 a 596.

funda para si um partido, uma espécie de partido dentro do partido. De Ciriaco de Mita, quebra a ordem das reuniões partidárias para apresentar propostas extemporâneas. Giulio Andreotti não acata mais a mediação de Arnaldo Forlani, secretário do partido. Este virou um depósito de explosivos sem controle, um estopim prestes a explodir.

Para agravar a situação ocorrem em abril as eleições políticas, nas quais o partido da Democrazia Cristã colheu uma preocupante inflexão no seu consenso. A idéia corrente na opinião pública foi de derrota do partido. Arnaldo Forlani, secretário do partido, ficou estupefato perante o resultado das eleições e anuncia que se demite. Embora, diga que não vai retirar-se para um convento, mas continuará trabalhando pela Democrazia Cristã, será outro elemento que se desagrega do conjunto. Aliás, o próprio centro do partido está se desprendendo do restante. Com certeza tinha razão quando dizia que, a partir daquele momento, abria-se uma nova fase para a Democrazia Cristã, e mesmo para a história política italiana. Esta fase será diferente da linha traçada até aqui pelo partido, pois, diante do “não” do eleitorado deverá mudar. Quais as mudanças ainda não se sabe, só que a mudança deverá ser profunda e urgente. Da parte dele, renuncia para deixar o caminho livre para quem quiser e souber conduzir estas mudanças. A partir de então o partido entrará na fase da decisão de novas políticas internas. No entanto, avisa, avisa Forlani, nem sempre se pode ganhar de quatro a zero, e que algumas vezes a vitória é apertada, como aconteceu com as eleições. Embora tenha sofrido um decréscimo em termos de consenso, ainda a Democrazia Cristã figura com destaque entre os adversários. Logo, deve-se encarar como um revés, e não o fim de tudo, conforme ele. Já antes havia ocorrido algo semelhante quando o eleitorado votou a favor do divórcio. Sinais de mudanças que devem ser lidos e entendidos.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup>PARISI, Arturo. PARISI, Arturo. *Questione Cattolica e Referendum: l'inizio della Fine*. Il Mulino. Bologna. 411-435p. Maggio-giugno 1974,

p. 421 a 434

Arguido sobre as possíveis causas da derrota, acha que não se deve buscar justificativas, mas tentar entender o que aconteceu. Primeiramente, a derrota da Democracia Cristã não é um fato isolado dentro da conjuntura europeia. A tendência é de mudança geral, citando como exemplo a França na qual o governo também foi derrotado. E por isso mesmo, a Itália se insere no contexto histórico de se abrir um capítulo novo. Sobre os partidos opositores, o seu grande aliado Partido Socialista Italiano, embora tenha entrado na onda dos outros partidos, também sofreu revezes. Por isso não se pode apontar como consequência o sucesso dos opositores. Da mesma maneira o Partido della Sinistra, não colheu melhores resultados. Teriam sido as vergastadas de Francesco Cossiga, Presidente da República? Parece que também não influenciou de modo significativo. O que aconteceu, conforme ele, foi uma generalizada orquestração, e dirigida contra a Democracia Cristã. De uma hora para outra o partido tornou-se inimigo de todos. Não houve uma competição interpartidária, mas um bloco de todos os partidos contra a Democracia Cristã. Adverte, porém, que com este método dificilmente se poderá formar um governo viável. O partido se aliará ao Partido da Sinistra? Entende que não deve, pois os ex-comunistas também contribuíram para a desagregação do partido. Passará a batuta para as Ligas? Estas, conforme ele, devem vencer em todo território nacional, e não somente em pontos isolados.

## 2. Eleição do Secretário do partido

Aberta a questão da vaga na secretaria, iniciam as tratativas para o preenchimento. Uma das mais importantes foi o Congresso da Democracia Cristã em Mantova, justamente onde a Liga obteve o percentual de 34% do eleitorado. As atividades do Congresso foram encaminhadas de tal forma pelos seus organizadores, que praticamente converteu-se numa convenção pró candidatura de Mino Martinazzoli, o qual obteve significativa vitória nas eleições de 5 de abril. Em todas as questões que dissessem respeito ao organograma da Democracia Cristã, Mino Martinazzoli indiretamente sempre aparecia, principalmente quando se tratava de assuntos relativos à renovação e a mudança visual do partido. Martinazzoli, definido às vezes como “hamléutico”, isto é, com um discurso um tanto confuso, hermético, começou a mostrar-se desembaraçado e

objetivo, indo ao encontro exatamente do fim proposto, qual seja, a imagem de um secretário novo e aberto às mudanças. Ao término do Congresso, já sem mais rodeios, fala como candidato, concluindo com um discurso no qual primeiramente faz uma avaliação crítica à gestão de Arnaldo Forlani, e em seguida propõe sua plataforma. A palavra de ordem é a renovação, que deve bifurcar-se em direção ao pessoal e aos conteúdos do partido. Nesse sentido faz alusão à recuperação e retomada do popularismo inerente à Democracia Cristã. Entende, como já Forlani havia dado a entender, que as eleições de 5 de abril seria o marco para um nova fase. Daí que, se deveria transformar a Democracia Cristã num partido da atualidade, e não um partido ligado ao passado. A atividade do partido, ao longo do tempo, havia criado uma cultura própria com a qual seria possível fazer frente ao liberismo das Ligas. No momento que se reencontrasse este humus cultural e se o mostrasse ao eleitorado, ele não tinha dúvidas que este se identificaria com ele, e com isso a Democracia Cristã retornaria à posição que sempre ocupou, qual seja de destaque entre os competidores. Para tanto se deve exorcizar o imobilismo, o grande adversário e causa da derrota da Democracia Cristã. Era preciso um debate imediato e sem reservas no interior do partido.

O que parecia ser uma solução, o Congresso, findou seus trabalhos dividido em no mínimo dois grandes grupos: os pró-candidatura de Martinazzoli, como o Grupo dos Quarenta e o contra Martinazzoli, liderado por Mario Segni .

Numa reunião da diretoria do partido, realizada em 29 de setembro de 1992, faz-se um balanço da situação e se conclui que: 1º Há um grupo que já se considera fora do partido, representado por Segni, já dirigindo o Patto Segni, e Giulio Andreotti, atingido por Tangentopoli. 2º Há um secretário demissionário, Arnaldo Forlani. 3º Há um candidato a secretário que quer assumir. A conclusão é pela necessidade de decisão da situação, pois o partido não se move. Todos falam em renovação, mas nunca e ninguém faz. Nessa situação, pensa-se, que o Conselho da Democracia Cristã, que ocorrerá em 11 e 12 de outubro, terá como resultado o autoafundamento. Arnaldo Forlani anuncia que sua tarefa terminou, e que seria preciso superar a questão do novo e o velho no seio da democracia cristã. Admite que em poucos meses se conseguirá sair do cerco,

e que no remexer das cartas, sempre deixará alguma fora, mas se conseguir, ao menos, superar os velhos rancores, já muita coisa se terá feito. A Democracia Cristã deve retornar a ser o referimento da política italiana, o eixo em torno do qual todo o ordenamento político gira.

Finalmente chega o dia do Conselho Nacional. O clima era tensíssimo. Inscreviam-se oradores de ambos os lados. Combinavam-se estratégias. Reforçavam-se argumentos. Enfim, tudo fazia crer que, os trabalhos seriam prolongados e penosos e o novo secretário somente seria eleito depois de uma acirrada disputa. É neste clima e contexto que, de repente, Ciriaco de Mitterrand, propõe que Mino Martinazzoli seja eleito por aclamação, um hora e vinte minutos após a abertura dos trabalhos. A Democracia Cristã, por acasão da aprovação do divórcio pelo referendun, também entrara numa profunda crise interna. Também foi necessário eleger outro secretário. Mas, naquela ocasião, foram necessários 7 dias de debates e votações. Desta vez, uma hora e meia. O recurso à aclamação somente havia sido empregado uma vez na história do partido, mas num período excepcional, 1944, quando Alcide de Gasperi também fora aclamado secretário.

O que transpareceu neste “puxar a carta secreta” de De Mitterrand, é que a estratégia teve por objetivo, na avaliação do grupo contrário, evitar que Giulio Andreotti paralisasse o processo de renovação. Mas, aquilo que parecia ter colocado água fria na fervura, aprofundou ainda mais as fissuras internas. Francesco Cossiga, ex-presidente da República, acha que Martinazzoli deixou-se cooptar. Mario Segni resolve deixar de vez a Democracia Cristã. Andreotti se afasta. Martinazzoli fica reduzido ao seu grupo.

A estratégia de Martinazzoli consistiu, inicialmente tentar mudar a imagem do partido através de uma ação de mudança interna. Apontava para uma outra alternativa, qual não fosse governo. Perguntava-se mesmo, porque não a oposição? Evidentemente que a posição de oposição é politicamente e estrategicamente mais discreta. Não está exposta ao fogo cerrado da crítica, e, além disso, nesta situação ganharia tempo para mudar a imagem do partido ou até mesmo renovar-se pois livre da necessidade de se justificar a cada momento e se defender, poderia pensar na reestruturação.

Não recebendo retornos positivos, tenta outra alternativa. Agora dirige-se ao âmbito da consciência. Sugere então uma ação comportamental ética para os democratas cristãos. Seria uma cruzada de renovação moral, criar um espírito novo, fazendo da Democracia Cristã uma reserva moral da sociedade. Queria voltar às fontes originárias do partido.

Os valores que alicerçavam a Democracia Cristã naquele momento era uma visão sacra da vida, tendo por centro a Religião. Os elementos fundantes destes valores eram a família, o trabalho, o sacrifício, a disponibilidade e a obediência à autoridade. As aspirações se circunscreviam na proteção, na ordem e democracia. A permissividade sexual era condenada, bem como a emancipação da mulher. Os novos valores de igualdade, anarquismo e hedonismo eram condenados *in limine*.<sup>7</sup> Agora a mentalidade era outra.

No entanto, esta proposta trouxe mais problemas que soluções, pois contrastavam exigências éticas e políticas. Além disso, qual a ética: do dever ou da responsabilidade? Absolutizar ou relativizar? Se absolutiza, líquida com a democracia, se relativiza, não pode exigir nada de ninguém. Evidentemente que o caminho seria a responsabilidade, exatamente o que internamente estava se tornando um objetivo sempre mais intangível, como era o caso de Segni que, por motivos de interesses políticos pessoais, estava voltado mais para fora do partido do que para dentro.

Pouco a pouco emerge mais uma rivalidade interna. O confronto entre os “novos” e os “velhos”. E a pressão se faz no sentido de se substituir toda classe dirigente do partido antiga por uma nova. Martinazzoli, avesso a mudanças drásticas preferiu colocar no limbo de espera tal solução, e decidiu manter na direção a todos aqueles que, quer no bem, quer no mal, haviam trabalhado pelo partido. Mas, os inquéritos judiciais, com a repercussão na opinião pública, se encarregaram de fazer aquilo que se negara a fazê-lo.

---

<sup>7</sup>CALVI, Gabriele. La Frattura tra Valori e Scelte Politiche in Italia. *Rivista Italiana di Scienza Política*. Firenze. Numero 1. P. 126 a 129. Aprile 1980.

No afã de defender sua própria pessoa, tanto interna como externamente, provocou no partido um imobilismo, uma paralisia de ação. Isto, evidentemente, num período em que se impunha uma ação rápida e certa, levava o partido ao suicídio. Como nenhuma de suas propostas eram acatadas na Democracia Cristã, Martinazzoli começa a descer e divagar sobre alternativas a serem adotadas.

### 3. A Constituinte democristã

Às vésperas do início da Constituinte democristã, o chefe da secretaria do partido, Pierluigi Castagnedi, mas não só ele como o próprio Martinazzoli em junho, declaram que o partido faria uma autodissolução e que, ato contínuo nasceria uma experiência política nova. Evidentemente a entrevista foi desmentida, dizendo-se que houve um mal entendido, questão de interpretação léxica. O incidente em si insignificante revela a completa desorientação do partido. A estas alturas já parece selado o destino da Democracia Cristã: estava passando para a História.

Em meio a escuridão surge uma luz no fundo do túnel. E por que não começar tudo de novo? Quem sabe pondo uma pedra em cima do passado, criar novo regulamento, novo Manual Cencelli, novos programas, novas estruturas, enfim nascer de novo? Mas como? Da mesma maneira que renascem os Estados, através de uma constituinte. Ninguém ficaria fora, nem mesmo os atores mais conflituosos. Segni, Andreotti, Cossiga, Forlani, todos. Sepultar as discórdias, os ódios, os rancores, as desconfianças e fazer renascer das cinzas uma Democracia Cristã nova.

Começava por discutir a fundo o próprio papel histórico do partido. Aquele partido que até aqui fora partido-tudo, partido-estado, partido-sociedade, partido dos católicos e dos leigos, para propor-se, novamente, síntese e composição de todos os setores sociais da Itália. Mas a Democracia Cristã não foi só isso, isto é o partido-centro do sistema político, a estrela polar, alicerce de qualquer coalizão. Foi, também, uma galáxia em expansão dilatando-se ameaçadora pelo perigo do “big bang”. Dela se desprenderiam novos sujeitos políticos.

Se a participação de todos, no entanto, da parte do secretário fosse um desejo sincero, ou se apenas um efeito para a mass media não podemos sabê-lo, mas o que de fato aconteceu, no dia da reunião, foi um aflorar um descomedido de tudo aquilo que individualmente ou em grupo estava atravessado na garganta. Logo na abertura percebem-se, os desfalques de três azes da Democracia Cristã: Andreotti, o mais famoso e poderoso entre os políticos italianos da época, Cossiga, ex-presidente da República, Segni, o trãnsfuga da Democracia Cristã, que pegou o pedaço que achou que fosse seu e fugiu. Estabeleceu-se também que os inquiridos em Tangentopoli não seriam convidados. Isto deixou fora centenas. Além disso, o código de ética do partido proibia convidar todas as pessoas envolvidas com atividades de peculato, malversação do dinheiro público, corrupção, concussão e outros delitos principalmente os contra a pessoa. Mais algumas dezenas de excluídos. Estes critérios deixariam foram grandes estrelas, não de primeira grandesamas que tinham seu raio de luz e importante como: Antonio Gava, Cirino Pomicino, Vittorio Sbardella, Vincenzo Scotti, Giovanni Gorla, Riccardo Misasi, Gianni Prandini, Severino Citaristi, Carlo Bernini, Bruno Tabacci, Alfredo Vito, e outros tantos.

Compareceram 250 representantes internos da Democracia Cristã entre parlamentares, responsáveis e dirigentes de comissões, representantes de entidades locais, delegados do Movimento das Mulheres, dos Jovens, dos Anciãos e outros. Outros 250 externos à Democracia Cristã, mas com direito a voto, representantes das associações católicas, representantes do mundo do trabalho, da cultura e outros parlamentares e convidados pelo partido. Procurou-se cobrir, com uma amostragem, toda a realidade italiana significativa do momento em todos os aspectos .

Fica evidente que a reunião não teve o consenso dos filiados da Democracia Cristã. Quem estava presente? Evidentemente, do partido mesmo, como expressão representativa a ala de Martinazzoli, e os demais estavam excluídos. Certamente compareceram membros das outras alas, mas de uma influência secundária. Os demais representantes, de entidades, não constituíam o núcleo do partido, que eram as lideranças e os parlamentares de renome. Logo, qualquer decisão, se é que se chegasse, seria considerada ilegítima pelas outras alas do partido.

Se os diversos acontecimentos políticos conjugados, como o referendun sobre a eleiçãõ do Senado, as novas leis eleitorais sobre as comunas, o resultado da última eleiçãõ, o processo de Tangentopoli, provocaram cisões incontroláveis no interior do partido da Democrazia Cristã, era preciso encontrar novamente algumas referências de consenso que pudessem devolver ao partido um mínimo de coesão. Foi nesse sentido que se fez a constituinte. A discussãõ inicia em torno da centralidade do partido, a qual foi enfocada de diversas maneiras e até mesmo negada.

O secretário, Mino Martinazzoli, procurou passar a idéia que havia apenas uma bipolaridade, esquerda e direita, dentro do partido. Com isto, pensava ele, seria mais fácil encontrar um núcleo comum num centro entre as duas alas. Propôs então que o partido poderia se reagrupar em torno de um programa que seria exaurido no manancial da esquerda e acenou para a experiência sturziana, objetivando coligar com a direita. Esta estaria associada à antiga e sempre lembrada idéia da unidade dos católicos, cujos apelos, por parte da hierarquia eclesiástica eram sempre mais incisivos. Mas, para Martinazzoli, esta unidade não deveria vincular-se a uma religião material, mas um programa comum de um partido que buscasse a maioria, mas que também estivesse disposto e preparado para a oposiçãõ. Neste sentido, o centro da Democrazia Cristã seria uma postura moderada perante o quadro político partidário.

Em que pesem as boas intenções o modelo, fechado entre direita ou esquerda, proposto por Martinazzoli não levou à conclusãõ nenhuma. A Democrazia Cristã conclui seu congresso assim como começou: na estaca zero. Pior: simplesmente se propõe fundar um clube de bochófilos e se dispersar.

O encerramento da constituinte sem decidir nada repercutiu mal perante a opiniãõ pública e internamente uma desilusãõ generalizada. Os filiados e os participantes convidados sentiram-se frustrados, estupefactos, perante uma realidade que ninguém conseguia entender. Não aparecia ninguém com “virtù” para enfrentar a “fortuna” adversa.

#### 4. A autodissoluçãõ da Democrazia Cristã.

Muitas hipóteses podem ser levantadas sobre o fim da Democracia Cristã. No entanto, a mais coerente parece ser a questão do desvio da Democracia Cristã de seu núcleo. Alcide de Gasperi, seu idealizador, concebeu-a como um partido nacional, moderado, de centro. O centro moderado era o seu núcleo.

A mesma centralidade conteve democraticamente o comunismo, de esquerda, nos limites da lei, e não permitiu que o fascismo, de direita, prosperasse. A Democracia Cristã havia recebido apoio da direita e da esquerda antes de Noventa, mas sem sair do centro. Quanto à esquerda, não deu tréguas no combate ideológico ao comunismo. E quanto à direita, não permitiu o avanço do fascismo.

Ocorreram cisões internas como a dos “doroteus” antes de Noventa. No entanto, permancia o centro e apenas os olhos se voltavam ora para a direita ora para a esquerda. A partir de Noventa, porém, há uma tripartição ideológica da Democracia Cristã. Há posicionamentos: a partir do centro da Democracia Cristã, forma-se uma esquerda e uma direita mas mantendo a coesão do partido em torno de um núcleo comum, a centralidade. Evidentemente a esquerda e a direita do partido da Democracia Cristã não é a mesma coisa que a ideologia de esquerda e de direita.

Qualquer partido deve continuamente mediar, nos diversos níveis, no sentido de convergir concentricamente as diversas polarizações que se apresentarem. Internamente deve mediar as correntes organizadas e estruturadas para poder apresentar-se com posições bem definidas não somente perante o eleitorado, como diante da coligação. Deixar ao critério pessoal seria uma catástrofe política. Por isso, um partido como a Democracia Cristã deve curar de mediar harmonicamente três níveis. O primeiro, é a escolha do secretário do partido. Este deve ter uma liderança que o habilite a negociar com as diversas correntes internas convergindo-as para o centro. O segundo, é externo, ou aquele que diz respeito aos interesses organizados que produzem o consenso para o partido, isto é, o saldo eleitoral, após o qual e mediante o qual se fará a redistribuição dos benefícios, a operacionalização do programa para atender os interesses. O terceiro é aquele corpo de interesses das correntes presentes no partido, as quais, de alguma

forma serão retribuídas não só saldando os custos como propiciando vantagens materiais concretas.

No entanto parece que a explicação para o Ocaso da Democracia Cristã deve ser procurada no interior do próprio partido, conjugada ao fator externo, Mani Pulite, que a desviou da rota e foi naufragar em terras estranhas. As lutas internas por posições ideológicas determinaram o fim da Democracia Cristã. O distanciamento do projeto-vocação da democracia cristã foi abandonado, matando com isso a Democracia Cristã.<sup>8</sup> A constituinte democristã é um exemplo típico da perda da ausência da mediação interna. As lideranças encarregadas da mediação se pulverizaram na década de Noventa. As principais lideranças do período, em vez de mediar os conflitos, os acirravam. Pelo centro: Franco Marini, Roberto Formigoni, Giacomo Mancini, Oscar Luigi Scalfaro, Francesco Cossiga. Pela direita: Giulio Andreotti. Pela esquerda: Arnaldo Forlani, Mario Segni, Fermo Mino Martinazzoli, Ciriaco de Mita e outros.

Embora a Constituinte nada tenha decidido, no entanto aflorou no seu interior referências a Luigi Sturzo e a um partido de programa como um consenso difuso. A questão da vocação centrista do partido recebeu da parte do mundo católico convidado uma consagrada aprovação. Houve, inclusive, fortes apelos no sentido de se evitar estabelecer uma continuidade entre a Democracia Cristã e o novo sujeito político emergente. A todos parecia desejável e certa a ruptura entre a Democracia Cristã e o novo partido, inclusive com nome: Partido Popolare Italiano. No entanto, era apenas uma decisão de um grupo e não formal. Embora já existisse o nome do partido e até mesmo o secretário indicado Roberto Formigoni, o sujeito político não existia. O que agora interessava era uma saída e digna, o fechar as portas publicamente. Mas como conter os partidários da Democracia Cristã, os quais estavam prestes a cada um ir-se embora por conta própria? Da Democracia Cristã restava um corpo acometido de morte cerebral. Possuía apenas funções vegetativas, as do instinto de sobrevivência. O enterro oficial se faria em janeiro, por ocasião do Congresso da Democracia Cristã. Até lá era preciso manter-se vivo a qualquer custo.

---

<sup>8</sup> FOLLINI, Marco. *C’Era una Volta la DC*. Bologna, Il Mulino, 1994, p. 7 a 11.

Havia, porém um obstáculo ser transposto: as eleições administrativas do final de 1993. O Instinto de sobrevivência apontava para uma única saída política viável para não morrer antes da hora marcada, as alianças. Mas quem faria uma aliança com um moribundo? Aqui começam as estratégias de Martinazzoli. Ora era preciso recuar, ora avançar, mas sobretudo, evitar movimentar-se demais. A primeira tentativa no sentido de aliança com Achille Occhetto, do Partito Democratico della Sinistra, o sucessor do Partido Comunista. No entanto, a voragem de Mani Pulite trouxe também Occhetto, e seu partido entrou num processo de inflexão, e por isso, com certeza de nada lhe adiantaria esta aliança<sup>9</sup>.

Após o insucesso com Occhetto, Martinazzoli dirige-se para a Aliança Democrática, uma fusão entre os “populares” de Segni e dos “progressistas” de Ferdinando Adornato. Martinazzoli justifica esta procura dizendo que a Democracia Cristã estava disponível para entabular diálogo com quem punha em seu programa a reforma do Estado e da administração pública. Acrescentou ainda que a Aliança seria um interlocutor natural. A condição, porém, de Martinazzoli, era de excluir Mario Segni, conforme ele, o qual, seria um obstáculo ao diálogo por que Segni se considerava o herdeiro da Democracia Cristã. A resposta de Adornato é dura. Diz-lhe que está trabalhando para unir quatro áreas: os católicos democráticos, os leigos do Buongoverno, os ambientalistas e a esquerda democrática. Acrescenta que as reformas que entende são reformas radicais do Estado, e da maneira como os cidadãos elegem o governo. E arremata sarcasticamente: abrir um confronto, para nós é um convite à festa de núpcias. E conclui que uma aliança com a Democracia Cristã é bem vinda, desde que não se exclua Mario Segni. Mas pergunta: o que Martinazzoli entende por aliança, e especificamente com os “democratas”? Se for somente para criar uma maioria então não interessa. Interessa dar vida a projetos, e não simplesmente fazer alianças, conclui Adornato<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup>Corriere della Sera. Roma, 4 settembre 1993, p. 2

<sup>10</sup>Corriere della Sera. Roma, 5 maggio 1993, p. 5 a 6

Neste meio tempo, Segni, percebendo os rumos radicais da Aliança Democrática resolve abandoná-la. Esta decisão foi ocasionada por dois motivos. O primeiro, de ordem estratégica, porque percebe que a ala moderada católica não votaria numa aliança radical e a segunda, por questão de princípio, pois, caso a Aliança fizesse maioria, e a partir dela o governo, o seu projeto de reforma seria reavaliado, e com certeza toda sua luta cairia por terra. Toma então outra decisão. Funda sua própria Aliança, o “*Patto per Italia*” (Pacto para a Itália). Martinazzoli, depois da surra das administrativas, manda às favas a coerência, e pensa na sobrevivência até 18 de janeiro, e junta-se a Segni. Depois que tudo parecia resolvido, a Aliança com Segni garantida para as próximas eleições políticas de 1994, advém mais um problema, qual seja, da proibição de usar o símbolo do “scudocrociato” (escudo cruzado), símbolo da Democracia Cristã. O objetivo não era fechar as portas da Democracia Cristã e fundar outro partido. O que Martinazzoli tinha em mente era mudar nome do partido que, em vez de Democracia Cristã passaria a denominar-se Partido Popular. Por isso estranhou esta imposição de Segni. Mas a esperança de Martinazzoli era de que a proibição de usar o “scudocrociato” fosse somente quando concorresse pelo sistema uninominal, 75% das cadeiras nos colégios, mas não nas circunscrições que poderiam ser pelo proporcional, num total de 25%. E nisso estava a esperança de Martinazzoli para conseguir os 4% para poder sobreviver como partido novo continuador da Democracia Cristã. O veredito de Segni foi implacável: nem por um nem por outro<sup>11</sup>.

Em meio tantos desafios e problemas, finalmente parece alguém que se dispõe dar uma mão para garantir uma sobrevivência até janeiro, com isso ter um funeral honroso. Trata-se da aproximação política entre a Democracia Cristã e o complexo político-partidário “*Forza Italia*” (Força Itália), em fins de 1993 ainda projeto, liderado por Silvio Berlusconi. A estratégia imaginada por Berlusconi consistia no seguinte: a Democracia Cristã, forte no sul, secundária Forza Italia nesta região, enquanto Forza Italia, forte no norte, guindaria a Democracia Cristã neste espaço. Entretanto, o método de Silvio Berlusconi que se poderia denominar de “rolo compressor”, isto

---

<sup>11</sup> *Corriere della Sera*. Roma, 8 dicembre 1993, p. 2

é, não só subjugava os adversários com os próprios aliados. Daí a exigência de Berlusconi à Democrazia Cristã: um acordo de adesão irrestrita. A esta proposta Martinazzoli pondera que Forza Italia ainda não é um sujeito político, apenas um projeto.

Concorda que a idéia de uma união de forças para ombrear a esquerda é válida, mas o problema está em escolher o que é útil e afastar o que é danoso. Conclui dizendo que se a Democrazia Cristã abrir mão de suas razões estará perdida. E reitera a adesão a Segni, reconhecendo nele um interlocutor afinado com as idéias da Democrazia Cristã<sup>12</sup>.

Os últimos momentos da Democrazia Cristã, e particular para Martinazzoli, foram dramáticos. O próprio Pierferdinando Casini lança um apelo a Martinazzoli para que adira aos moderados, inclusive, se acontecer, abre mão de sua candidatura<sup>13</sup>. O que os moderados queriam era que o Partido Popular se afastasse da esquerda, ou, talvez, o seu líder Casini percebeu intuitivamente ou dedutivamente que uma agremiação, prestes a fechar as portas por falta de apoio, não poderia dar-se ao luxo de cindir-se. No entanto, Martinazzoli manteve-se impassível e inflexível. E, em 18 de janeiro de 1994, encerra as atividades a Democrazia Cristã. Este dia ficou convencionado como o dia da morte clínica da Democrazia Cristã, pois a cerebral já havia ocorrido nos fins de Noventa e três.

### **Considerações Finais**

Por quê desapareceu o partido italiano da Democrazia Cristã? Parece-nos que foi a conjugação de um fator externo, Mani Pulite, e de outro interno, cisões internas insuperáveis. Esses dois fenômenos ocorreram simultaneamente, o que decretou o fim do partido da Democrazia Cristã na Itália. A ocorrência simultânea foi a peculiaridade que levou ao fim o partido. Os dois fenômenos já tinham ocorrido antes, mas sempre separados. Internamente, o partido sempre teve

---

<sup>12</sup>Corriere della Sera. Roma, 29 dicembre 1993, p. 2

<sup>13</sup>Corriere della Sera. Roma, 17 gennaio 1994, p. 4

divisões, algumas maiores, outras menores, porém, sempre foram superadas pela mediação. Também teve problemas externos também com escândalos financeiros como o famoso escândalo Lockheed. No entanto, a ação Mani Pulite, fenômeno externo, conjugado às cisões internas do partido, provocaram o fim do partido da Democracia Cristã e a emergência de novos sujeitos políticos dela originários

**NOTAS BIBLIOGRÁFICAS**

GALLI, Giorgio. Mezzo Secolo di Dc. Milano, Rizzoli, 1993.

CALVI, Gabriele. La Frattura tra Valori e Scelte Politiche in Italia. Rivista Italiana di Scienza Política. Firenze. Numero 1. Aprile 1980.

Corriere della Sera. Roma, 4 settembre 1993.

Corriere della Sera. Roma, 5 maggio 1993.

Corriere della Sera. Roma, 8 dicembre 1993.

Corriere della Sera. Roma, 29 dicembre 1993.

Corriere della Sera. Roma, 17 gennaio 1994.

FOLLINI, Marco. C'era una Volta la DC. Bologna, Il Mulino, 1994.

PARISI, Arturo. PARISI, Arturo. Questione Cattolica e Referendum: l'inizio della Fine. Il Mulino. Bologna. Maggio-giugno 1974.

RICOLFI, Luca. L'Ultimo Parlamento: sulla Fine della Prima Repubblica. Roma, La Nuova Italia Scientifica, 1993.

SMITH, Mack. 1997. Storia d'Italia. Roma-Bari, Laterza.